

## Compreensão econômica de estudantes do ensino médio em diferentes contextos socioeconômicos

*Economic understanding of high school students in different socioeconomic contexts*

*Comprensión económica de estudiantes de secundaria en distintos contextos socioeconómicos*

*Sonia Bessa*

Universidade Estadual de Goiás - UEG

soniabessa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9857-6523>

Dayse de Souza Costa

Escola Freudiana de Vitória

daysec30@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8083-8716>

### RESUMO

Compreender o mundo econômico requer o desenvolvimento de habilidades para uma gestão eficiente do dinheiro e a construção de uma visão sistêmica do atual modelo socioeconômico. Essa investigação tem como objetivo identificar os níveis de compreensão econômica de estudantes do ensino médio em diferentes contextos socioeconômicos. Constituiu-se amostra com 425 participantes, de níveis socioeconômicos baixo e médio. Foi utilizado o Teste de Alfabetização Econômica-TAE, que permite identificar o nível de compreensão econômica. 0,5% dos estudantes estavam num nível elementar de compreensão econômica, 42,9% estavam num nível intermediário de compreensão, 56,6% dos participantes alcançaram o nível que corresponde ao pensamento econômico independente ou inferencial. Estudantes do sexo masculino, mais velhos pontuaram melhor em subtemas relacionados ao planejamento/gestão financeira. Estudantes de nível socioeconômico médio tiveram as melhores pontuações do TAE, não foi verificada diferença quanto à escolaridade. Esse estudo abre discussões para a educação econômica e financeira com estudantes da educação básica.

**Palavras-chave:** Nível Socioeconômico. Idade. Compreensão Econômica. planejamento financeiro. Dinheiro.

### ABSTRACT

*Understanding the economic world requires developing skills for efficient money management and building a systemic view of the current socioeconomic model. This*

*investigation aims to identify the levels of economic understanding of high school students in different socioeconomic contexts. The sample consisted of 425 participants from low and medium socioeconomic levels. The Test of Economic Literacy-TEL was used, which allows identifying the level of economic understanding. 0.5% of students was at an elementary level of economic understanding, 42.9% were at an intermediate level of understanding, 56.6% of participants reached the level that corresponds to independent or inferential economic thinking. Older male students scored better on subthemes related to financial planning/management. Students of medium socioeconomic level had the best TEL scores, there was no difference in terms of schooling. This study opens discussions for economic and financial education with basic education students.*

**Keywords:** *Socioeconomic Level. Age. Economic Understanding. financial planning. Money.*

## RESUMEN

*La comprensión del mundo económico requiere el desarrollo de habilidades para una gestión eficiente del comedor y una construcción de una visión sistémica del modelo socioeconómico actual. Essa investigação tem como objetivo identificar os níveis de compreensão econômica de estudantes do ensino médio em diferentes contextos socioeconômicos. Constituiu-se amostra com 425 participantes, de níveis socioeconômicos baixo e médio. Foi utilizado o Teste de Alfabetização Econômica-TAE, que permite identificar o nível de compreensão econômica. 0,5% dos estudantes estavam num nível elementar de compreensão econômica, 42,9% estavam num nível intermediário de compreensão, 56,6% dos participantes alcançam o nível que corresponde ao pensamento econômico independente ou inferencial. Estudantes del sexo masculino, más velocidades puntuaram melhor em subtemas relacionados con el planeamiento/gestión financeira. Estudantes de nível socioeconômico médio tiveram as melhores pontuações do TAE, não foi verificada diferença quanto à escolaridade. Esse estudo abre discusiones para a educação econômica e financeira com estudantes da educação básica*

**Palabras clave:** *Nivel Socioeconómico. Edad. Entendimiento Económico. planificación financiera. Dinero.*

## Introdução

A instituição financeira que melhor compreender o comportamento do consumidor adolescente e jovem poderá manter um mercado fiel por muito tempo, porque estes consumidores estão sempre “em sintonia” com a moda, são exigentes, acompanham tendências preocupam-se com o status perante o seu grupo (CERETTA, FOREMMING, 2011) e utilizam a rede mundial de computadores como principal ferramenta de divertimento e lazer. É na internet que os adolescentes têm encontros com amigos, namoram, compram, se divertem, estudam, e utilizam os mais diferentes tipos de serviços (TAPSCOTT 2010).

Os jovens e adolescentes são alvos de fortes estratégias de marketing e todo tipo de ação mercadológica, (OLMO, 2016) pois, são vistos como clientes potenciais cujos padrões de consumo podem ser fortemente influenciados. Méndez e Denegri-Coria (2021) destacam o interesse particular do mercado nesse grupo da população utilizando estratégias comerciais agressivas a fim de influenciar seus padrões de consumo e antecipar comportamentos de endividamento futuro. Os hábitos e condutas econômicas estabelecidas na adolescência entre 10 e 15 anos de idade sustentarão grande parte do comportamento econômico adulto (CORIA; BARROS, CORONADO 2017).

Estudos de DENEGRÍ *et al*, (2008); MOURA, VIANA, LOYOLA (2013); LINS e POESCHLL (2015); FERUZZI (2017); MALDONADO *et al*, (2017); ZATTI *et al*, (2018); PEREIRA (2018); BUSTOS, DENEGRÍ e VALENZUELA (2020); BELINTANE, CANTELLI (2019) e HOFFMANN (2021), tem apresentado a influência das crianças e adolescentes nas decisões de consumo das famílias, que começam a utilizar o dinheiro e a tomar decisões sobre o seu uso de forma autônoma em idade precoce. São ações condicionadas à cultura do consumo, uma vez que os pais consumistas estimulam e encorajam o consumo infantil, quando acumulam bens materiais e de consumo, ou manifestam a necessidade de consumir cada vez mais produtos, associada à ideia da satisfação de suas necessidades e desejos. Essa inserção precoce da criança no hiperconsumo poderá refletir numa compreensão deficitária do mundo econômico, na idade adulta.

Outro aspecto a ser considerado, diz respeito a consolidação da identidade do adolescente e o impacto em um ambiente em que o consumo constitui um articulador de imaginários sociais (BAUMAN 2008). A possibilidade de compra ou posse dos bens desejados, representa acesso a símbolos e sinais que promovem a aceitação e a admiração no grupo de pares (BAUDRILLARD 2019, BAUMAN 2008); por exemplo o vestuário é um quesito muito valioso nesta faixa etária e tem um significado particular porque os adolescentes se encontram num período de construção identitária e buscam se identificar com os pares, almejam ser reconhecidos pelos outros e a indumentária pode torná-lo mais visível entre o grupo. Ao comprar os adolescentes manifestam um comportamento que expressa sua identidade pessoal e social, que seria definida pelo estilo de roupa que veste (LINS; POESCHLL 2016). Ocorre uma imersão do adolescente no consumo, que não se restringe somente ao vestuário, como nos diz Baudrillard (2019, p. 19) “[...] chegamos ao ponto em que o consumo invade toda a vida, [...] o envolvimento é total [...] culturalizado”.

Se educadas ao consumo exacerbado, as pessoas passam a construir valores por meio dos modelos que lhes são apresentados como ideais nesta situação, valorizam quem tem poder de compra e exclui quem não tem acesso aos bens de consumo. O atual modelo de mídia só reforça e inserção da criança e adolescente no hiperconsumo, porque influi valores não condizentes às reais necessidades da maioria dos adolescentes em processo de desenvolvimento, sendo essencial indagar-se quanto aos efeitos das influências do consumo na vida de crianças e adolescentes (OLMO, 2016).

Atualmente as crianças, adolescentes e jovens se converteram em mercadorias (ASHRAF; KHAN, 2016) no sentido de compreender seus comportamentos de compra e determinar os fatores que influenciam a sua fidelização. Na fusão do marketing com os recursos digitais especialmente os jovens são utilizados como influenciadores digitais, para seduzir os pares, assim além de consumidores se tornaram produtores e distribuidores de conteúdo (AVELINO, SOUZA E LEAL 2020). Como destaca Méndez e Coria (2021) os adolescentes foram diretamente afetados pelos impactos da neoliberalização, e os responsáveis por sua formação também de igual forma se tornaram dependentes do consumo.

Os idealizadores e mercadores do consumo estão cientes que essa fase da vida é um período marcado pela construção da identidade individual e social e buscam estimular a busca pelo status social e o hiperconsumo. A necessidade de acesso a bens cada vez menos necessários e fugazes tem sido a aspiração dos adolescentes e jovens de todas as camadas sociais, predispondo atitudes que se direcionam ao endividamento e a valorização do materialismo (MENDEZ e CORIA 2021).

Para o consumo assumir o patamar que hoje vemos nas sociedades neoliberais foi criando-se um tecido social cultural, conforme destaca Baudrillard (2019) com priorização das significações e comunicação, e na classificação e diferenciação social, suscitando o sentido de pertencimento, a um mundo regido pelo desejo de sempre ter. Para Henningen; Walter e Paim (2017, p. 713) “Não há como negar que a atual lógica e tecnologias do consumo – entre outras, a publicidade, o sistema financeiro, a mídia, as redes sociais digitais – impactam a constituição dos sujeitos contemporâneos”. Para esses autores o consumo entre os jovens foi produzindo efeitos nos seus modos de ser, pensar, sentir e se relacionar. Assim tal amalgamento se tornou tão natural e familiar, que ofuscou a necessidade de questionar, repensar ou alterar o status quo, imposto pela sociedade de consumo.

As crianças não são indiferentes às práticas econômicas que fazem parte de sua vida diária, estão imersas em um ambiente social dinâmico que transmite normas, valores sociais e culturais de suas famílias e nesse processo de interação constante e contínuo a criança vai elaborando e construindo significados próprios que constituirão sua futura identidade como cidadão e consumidor, elas passam por um processo de socialização econômica orientada por seus pais, mesmo sem um processo formal. Fatores como idade, escolaridade, nível socioeconômico, gênero podem ser fatores intervenientes que influenciam direta ou indiretamente esse processo.

Denegri *et al*, (2004) com o intuito de verificar como as crianças e adolescentes compreendem o mundo econômico criou uma medida conhecida como Teste de Alfabetização Econômica TAE, que foi aperfeiçoada por Gempp, Denegri e Caprile (2006). Esse teste está fundamentado no modelo cognitivo-evolutivo de Jean Piaget (1896-1980), e descreve o desenvolvimento do pensamento econômico por meio de níveis progressivos de complexidade que expressam uma progressão na capacidade de compreender situações e resolver problemas associados à representação do mundo econômico. O modelo propõe três níveis de desenvolvimento do pensamento econômico: Nível I: Pensamento Econômico Primitivo, mais frequente em crianças entre 6 e 9 anos de idade; (b) Nível II: Pensamento Econômico Subordinado, encontrado com mais frequência em crianças maiores de 10 anos e adolescentes e (c) Nível III: Pensamento Econômico Independente ou inferencial, encontrado em adolescentes e eventualmente alguns adultos, nesse nível mais evoluído, verifica-se uma mudança na forma global dos indivíduos conceituarem os processos sociais e econômicos. Esses três níveis de pensamento econômico identificado nos primeiros estudos de Denegri (1995), foram se confirmando em outras investigações como DENEGRÍ *et al*, (1998); DENEGRÍ *et al*, (2004); GEMP, DENEGRÍ, CAPRILE (2006); CARVALHO (2016); DENEGRÍ-CORIA, CONCHA-SALGADO e SEPULVEDA-ARAVENA (2019).

Esses diversos autores postulam que os indivíduos têm peculiaridades próprias, e o TAE deve ser observado como um parâmetro, uma ferramenta de análise e nem sempre se ajusta de forma exata a um modelo pré-estabelecido destes níveis, podendo incorrer em elementos de transição.

Considerando o exposto, e o fato dos adolescentes, estarem enfrentando produtos e serviços financeiros cada vez mais complexos e estratégias comerciais agressivas, com o intuito de influenciar seus padrões de consumo, surge a necessidade de conhecer quais os

níveis de pensamento econômico desta população, como entendem as relações entre dinheiro, lucro, custo/benefício, moedas, planejamento, gestão financeira, e outros fenômenos econômicos relacionados ao seu cotidiano. Essa investigação tem como objetivo identificar os níveis de compreensão econômica de estudantes do ensino médio em diferentes contextos socioeconômicos, idade e gênero.

## Métodos e Materiais

Essa investigação configura-se de modo quantitativo e correlacional com aporte na psicologia econômica e tem como objetivo identificar níveis de compreensão econômica de estudantes do ensino médio em diferentes contextos socioeconômicos. Ressalta-se a intenção de se aproximar do nível explicativo, visto que, na medida do possível, procura-se investigar a natureza das relações (GIL, 2012). Constituiu-se amostra por conveniência de 425 estudantes de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries do ensino médio, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 17 anos (média=15,6 anos, DP=0,905), de níveis socioeconômicos baixo e médio, pertencentes a três instituições de ensino: dois colégios estaduais de cidade goiana localizada no entorno do Distrito Federal, e uma escola particular situada na capital - Brasília-DF. Como instrumentos para este estudo foi utilizado um questionário sócio demográfico em que os estudantes deveriam assinalar: idade, ano escolar, tipo de escola, gênero, cidade em que morava e renda familiar, e um Teste de Alfabetização Econômica-TAE (Denegri *et al*, 2004), que avalia o nível de compreensão econômica, conceitos e práticas econômicas necessárias para um desempenho econômico eficiente.

O teste aborda conhecimentos gerais e específicos relacionados à macro e microeconomia e divide-se em quatro subtemas: transações financeiras; dinheiro e moedas; planejamento e gestão financeira e relação risco/custo benefício. São 22 itens de múltipla escolha, com quatro alternativas graduadas em ordem progressiva de dificuldade, que permite quatro possíveis soluções e três níveis de dificuldade, baseado no modelo de psicogênese do pensamento econômico de Denegri *et al*, (1998) e Gempp, Denegri e Caprile (2006). O teste apresenta uma solução correta que corresponde ao nível III – Pensamento econômico independente, duas soluções que apresentam algum grau de entendimento que corresponde ao nível II – Pensamento econômico subordinado e uma solução incorreta que corresponde ao nível I – pensamento econômico primitivo.

Vejamos um exemplo: no item 6: “Em uma loja no centro da cidade, uma camisa custa 15 reais e em uma loja longe do centro, a mesma camisa custa 10 reais. Porque ocorre esta diferença de preço se é a mesma camisa?” o estudante tem quatro opções de resposta: a) Porque o dono da loja do centro trabalha mais porque vai mais gente e, portanto, deve cobrar mais (resposta de dois pontos – nível II); b) Porque a loja do centro está melhor localizada, portanto, paga mais pela localização e é isto que aumenta o preço da camisa (resposta de três pontos – Nível III); c) A camisa do centro é melhor, por isso é mais cara (resposta de um ponto – nível I) e d) Porque o dono da loja do centro quer cobrar mais caro (resposta de 2 pontos – nível II).

O respondente escolhe uma opção que é pontuada entre um e três e está alinhada com os três níveis do modelo de pensamento econômico. Cada resposta representa um nível de compreensão econômica, e os escores totais são obtidos somando-se os pontos dos itens: quanto maior a pontuação, maior o nível de compreensão econômica do respondente.

Denegri *et al*, (2004), validaram a qualidade psicométrica do TAE pela teoria clássica dos testes e pelo marco da teoria da resposta ao item. No Brasil, o teste foi validado por Araújo (2009) e para esse estudo o teste foi adaptado e contextualizado. A opção por estudantes do ensino médio ocorreu pela escassez de estudos brasileiros nessa faixa etária.

O instrumento foi aplicado presencialmente pelas pesquisadoras durante o segundo semestre de 2019 e início de 2020 entre os meses de fevereiro e segunda quinzena de março (antes da pandemia da covid 19).

O presente estudo seguiu os princípios éticos propostos em pesquisas com seres humanos e todos os procedimentos foram apresentados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa local da Universidade Estadual de Goiás. Para a coleta de dados foi solicitada autorização das escolas e apresentado aos pais um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este foi enviado aos pais na semana anterior à prevista para aplicação do teste. Antes de iniciar o teste os estudantes cujos pais assinaram o TCLE foram convidados a participar e assinaram o termo de Assentimento que objetivava esclarecer formalmente, aos participantes, qual o tema da pesquisa e seus objetivos. Os estudantes foram convidados a participar de maneira voluntária e individual, foi garantido o anonimato e a confidencialidade das informações. As pesquisadoras aplicaram o teste no intervalo entre as aulas de forma coletiva.

Os dados foram tabulados pelo software estatístico SPSS 22.0 for Windows. Inicialmente foram calculados os escores do TAE e dos subtemas conforme proposto por Denegri *et al*, (2004). A distribuição de normalidade foi avaliada pelo teste de Shapiro-Wilk. As médias dos escores foram comparadas por gênero a partir de um Teste  $X^2$  (qui-quadrado) que permite verificar o relacionamento com variáveis categóricas e para o cálculo do tamanho do efeito, foi utilizado o coeficiente de V de Cramer que é uma medida de associação baseada no  $X^2$  (qui-quadrado). Em seguida foram computadas as médias do TAE e dos subtemas que também passaram pelo teste  $X^2$  para comparação entre grupos quanto ao nível socioeconômico, escolaridade e gênero.

Foi realizada uma correlação de Ro Spearman entre os subtemas do TAE e a variável idade, essa correlação não paramétrica foi utilizada porque os dados não apresentaram distribuição normal. A magnitude da correlação foi medida seguindo o parâmetro: fraca = 0,10 - 0,39; moderada = 0,40 - 0,70; forte = 0,70 - 0,80; muito forte = 0,80 - 0,99. (COHEN 1988, 1992). Para todos os testes estatísticos, utilizou-se como valor de referência o nível de significância de 5%.

## Resultados

Participaram 167 estudantes do sexo masculino e 258 do sexo feminino conforme distribuição na tabela 2. Do total de estudantes 317 são de dois colégios públicos que atendem à população de nível socioeconômico baixo de cidade goiana no entorno do Distrito Federal, em sua maioria são filhos de empregados domésticos, caseiros, trabalhadores rurais e agricultores, alguns são trabalhadores informais e do comércio, com renda familiar entre um e três salários mínimos. Outros 108 estudantes são de uma escola particular localizada em um bairro nobre da cidade de Brasília-DF. Essa escola atende à população de nível socioeconômico médio, possui mensalidade superior a R\$ 2.500,00 e está localizada num bairro nobre da capital do Brasil. As tabelas 1 e 2 apresentam a distribuição dos participantes por idade, nível acadêmico, gênero e NSE.



Idade	Nível acadêmico no ensino médio			Total
	1º ano	2º ano	3º ano	
14	43	-	-	43
15	136	18	-	154
16	41	99	7	147
17	5	30	46	81
Total	225	147	53	425

**Tabela 1** - Nível acadêmico no ensino médio e idade dos participantes

**Fonte:** Elaboração das autoras.

Sexo	Nível socioeconômico		Total
	Baixo	Médio	
Masculino	122	45	167
Feminino	195	63	258
Total	317	108	425

**Tabela 2** - Nível socioeconômico e gênero dos participantes

**Fonte:** Elaboração das autoras.

Os dados do TAE foram analisados com base na caracterização geral dos participantes e nas diferenças relacionadas às variáveis incluídas: idade (14 a 17 anos), nível socioeconômico (médio e baixo), nível acadêmico (1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio) e gênero (masculino e feminino).

Uma vez coletados os dados, procedeu-se à categorização de todas as respostas com referência aos níveis estabelecidos por Denegri et al. (2004) como pode ser visualizado na tabela 3.

	Nível I – Pensamento econômico primitivo	Nível II – Pensamento econômico subordinado	Nível III – Pensamento econômico independente/inferencial
Estudantes	0,5%	42,9%	56,6%

**Tabela 3** - Nível de pensamento econômico dos participantes.

**Fonte:** Elaboração das autoras.

Verifica-se que 0,5% estão no Nível I, (pensamento econômico primitivo), 42,9% no nível II (pensamento econômico subordinado), e 56,6% no nível III (pensamento econômico independente ou inferencial).

A tabela 4 apresenta os níveis distribuídos por subtemas, os percentuais atestam que houve pouca diferença. Dois subtemas (relação risco/custo-benefício e transações financeiras) não tiveram registros de estudantes no nível I (pensamento econômico

primitivo). O subtema relação risco/custo-benefício registrou o maior número de estudantes no nível III (pensamento econômico independente). O subtema “planejamento e gestão financeira” apresentou diferença significativa  $p < 0,05$  quanto ao gênero e ao nível socioeconômico.

Tema	Nível I – Pensamento econômico primitivo	Nível II – Pensamento econômico subordinado	Nível III Pensamento econômico independente	X <sup>2</sup> (qui quadrado) Índice de significância
Relação risco/custo-benefício	-	34,8%	65,2%	-
Dinheiro e moedas	0,5%	41,2%	58,4%	P<0,05
Planejamento e gestão financeira	1,6%	48,9%	49,4%	P<0,05
Transações financeiras	-	46,6%	53,4%	-

**Tabela 4** - Nível de pensamento dos participantes nos subtemas do TAE

Fonte: Elaboração das autoras

A fim de verificar a associação entre os quatro subtemas e o gênero foi realizado o teste X<sup>2</sup> (qui quadrado), constatou-se que no tema “planejamento e gestão financeira” foi encontrada diferença significativa [ $\chi^2 (2) = 7.846$ ;  $p < 0,020$ ] V de Cramer = 0,136. Nesse tema 56,9% dos rapazes e 44,6% das moças estavam no nível III (tabela 5). Nos demais subtemas não foi verificada diferença significativa, mas a média das moças foi superior à dos rapazes nos outros três subtemas como pode ser verificado na tabela 5.

	Sexo	N	Nível		
			I	Nível II	Nível III
Transações financeiras	Masc.	167	-	47,3%	52,7%
	Fem.	258	-	46,1%	53,9%
Dinheiro e moedas	Masc	167	-	47,3%	52,7%
	Fem.	258	0,8	37,2%	62,0%
Planejamento e gestão	Masc	167	2,4%	40,7%	56,9%
	Fem.	258	1,2%	54,3%	44,6%
Relação risco/custo benefício	Masc	167	-	38,9%	61,1%
	Fem.	258	-	32,2%	67,8%
Total		425	0,5	43,0%	56,5%

**Tabela 5** – Análise descritiva, comparação dos escores entre os subtemas quanto ao gênero

Fonte: Elaboração das autoras

O nível socioeconômico tem se mostrado um bom instrumento para análise das relações econômicas das pessoas (LINS; POESCHL, 2016). A fim de verificar a associação entre os subtemas e o nível socioeconômico foi realizado o teste  $X^2$  (qui quadrado) e encontrada diferença significativa [ $X^2 (2) = 10708$ ;  $p < 0,05$ ]  $V$  de Cramer = 0,159 no tema “planejamento e gestão financeira”. Nos demais subtemas não foi verificada diferença significativa. Na tabela 6 os resultados atestam que em todos os subtemas os estudantes dos NSE médio tiveram melhores pontuações em relação ao NSE baixo, contudo, somente no tema “planejamento e gestão financeira” foi constatada diferença significativa  $p < 0,05$ .

Subtemas Nível Socioeconômico		N	Nível I	Nível II	Nível III
Transações financeiras	NSE baixo	317	-	46,7%	53,3%
	NSE Médio	108	-	46,3%	53,7%
Dinheiro e moedas	NSE baixo	317	0,6%	42,0%	57,4%
	NSE Médio	108	-	38,9%	61,1%
Planejamento e gestão	NSE baixo	317	1,9%	53,3%	44,8%
	NSE Médio	108	0,9%	36,1%	63,0%
Relação risco/custo benefício	NSE baixo	317	-	35,3%	64,7%
	NSE Médio	108	-	33,3%	66,7%
Total		425	0,4%	41,4%	58,2%

**Tabela 6** – Comparação dos escores quanto ao nível socioeconômico

**Fonte:** Elaboração das autoras

No nível acadêmico não foi verificada diferença significativa nos quatro subtemas, infere-se, pois, que nessa investigação ser estudante da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> séries do ensino médio não foi um bom preditor de melhores níveis de pensamento econômico.

Foi calculada a correlação de Spearman entre as medidas da variável contínua idade e os quatro subtemas do TAE. A partir do coeficiente de correlação de Spearman o tema “dinheiro e moedas” apresentou correlação fraca e positiva, ( $r = 0,101$ ;  $p < 0,05$ ), porém, estatisticamente significativa com a variável idade. Trata-se de uma correlação discreta considerando o valor da correlação, porém existente entre as variáveis. Estudantes mais velhos têm melhores níveis de pensamento econômico, quanto ao tema “dinheiro e moedas”, nos demais subtemas, não foi verificada correlação. A idade correlacionou-se ao nível de pensamento econômico no tema “dinheiro e moedas”.

## Discussão

Considerando-se o índice dos níveis de pensamento econômico dos estudantes constata-se que pouco mais de 56,6% dos estudantes do ensino médio estavam no nível III de pensamento econômico independente, têm um domínio adequado dos fenômenos micro e macroeconômicos, são capazes de levantar hipóteses a respeito do universo econômico, realizar inferências, tem uma visão sistêmica que relaciona os processos econômicos e sociais, compreendem e refletem acerca da realidade social e das variáveis que operam nas mudanças sociais e econômicas. Por exemplo o item 01 “Seu Joaquim está muito preocupado porque o preço de todas as coisas está subindo e ele pergunta: o que poderia ser feito para controlar o preço das coisas? O que você responderia?” 86,8% dos estudantes estavam no Nível III, um excelente resultado. Quase todos os estudantes foram capazes de analisar os processos de compra e venda, e inferiram que os preços sobem de acordo com as variáveis econômicas como a oferta e a procura e, portanto, não se pode controlar sua flutuação.

Outros 42,9% dos estudantes, que estavam no nível II pensamento econômico subordinado, ainda têm limitações, mas se esforçaram para conceituar e compreender conceitos econômicos complexos como lucro e inflação. Compreendem a necessidade de leis que regulem o funcionamento da sociedade, a distribuição dos recursos, e o funcionamento social e econômico. Mas ainda compreendem pouco os mecanismos de financiamento e as muitas inter-relações entre os processos econômicos mais complexos, e pouco visíveis. Por exemplo, no item 13 cuja questão era: “O que é inflação?”, um percentual expressivo de 59,5% dos estudantes estava no nível II. Os estudantes tiveram dificuldade em compreender conceitualmente o que é inflação, e a maioria entendeu que inflação é quando ocorre um aumento de preço dos produtos, ou quando o dono da loja decide subir os preços, não inferiram que quando os preços sobem é porque aumentou a quantidade de dinheiro em circulação e ocorre uma desvalorização da moeda.

Um número ínfimo de 0,5% (7) estudantes, estão no nível I, cuja característica principal é a existência do pensamento primitivo em que a compreensão das relações pessoais e institucionais, próprias do mundo econômico são inexistentes, esses estudantes percebem a realidade social e econômica de forma isolada e fragmentada. Mesmo tratando-se de somente sete estudantes nesse nível, ainda é um resultado pouco esperado, uma vez que esse nível é próprio de crianças com idade entre 6 e 9 anos.

Estudos utilizando o TAE foram realizados por GEMPP, DENEGRI, CAPRILE, (2006) com 1035 estudantes (Chile), MARTINEZ, ABELLO (2015) com 151 estudantes (Colômbia), BESSA, FERMIANO, DENEGRI (2014) com 831 no (Brasil) e CORIA, ARAVENA (2014) com 211 estudantes do 6º ano, todos estes estudos foram realizados com estudantes do Ensino Fundamental e apresentaram índices mais discretos com médias entre 42 e 50% dos estudantes no Nível III. Os estudantes do ensino médio do presente estudo, tiveram melhores resultados (56,6%) quanto a melhores níveis de pensamento econômico, é possível que a idade, mesmo de forma discreta e o nível socioeconômico possa ter colaborado para esses melhores níveis de compreensão. Até o momento não foram encontradas investigações com estudantes do ensino médio no Brasil ou na América do Sul utilizando o TAE, que permitisse comparações.

Quanto ao gênero, foi encontrada diferença significativa somente em um dos subtemas, nos demais mantiveram-se índices homogêneos ou maiores para as mulheres. Verifica-se um equilíbrio entre homens e mulheres, com níveis levemente melhores para as mulheres. Somente no subtema “planejamento e gestão financeira” o equilíbrio foi rompido com (56,9%) dos homens e 44,6% das mulheres no nível III do pensamento econômico.

Esses resultados coincidem com estudos prévios e abordagens similares no contexto dos fenômenos econômicos realizados por Atkinson e Messy (2012) em 14 países com 19.212 participantes, em todos os países investigados as mulheres apresentaram níveis de alfabetização financeira significativamente menor que os homens. Mahdavi e Horton (2012), investigando estudantes universitários constataram que mesmo com níveis elevados de escolaridade as mulheres apresentaram baixos níveis de alfabetização financeira. Nas questões da inflação, juros e riscos as mulheres tem mais dificuldade que os homens (SCHERESBERG 2013). Bucher-Koenen *et al*, (2014) em estudo com 5.700 participantes de três países, verificaram que o analfabetismo financeiro é mais comum entre as mulheres. Estudo de Agarwalla *et al*, (2015) com jovens indianos verificou que as mulheres apresentaram níveis mais baixos de conhecimento e comportamento financeiro.

Na América do sul conforme estudos de GEMPP, DENEGRI, CAPRILE (2006), BESSA FERMIANO, DENEGRI (2014), CORIA, ARAVENA (2014), MARTINEZ, ABELLO (2015), DENEGRI; SEPÚLVEDA, (2014); DENEGRI-CORIA, CONCHA-SALGADO e SEPULVEDA-ARAVENA (2019), utilizando o TAE com estudantes do Ensino Fundamental atestaram que os níveis de compreensão dos fenômenos econômicos são melhores para as mulheres.

Um estudo na Colômbia de Sandoval-Escobar; Pineda-Marín; Ávila-Campos (2018) constataram que as mulheres tiveram diferenças significativas em estudos sobre alfabetização e socialização econômica dentre 268 famílias.

Quanto aos aspectos econômicos em geral, no Brasil se destacam os trabalhos de Trindade Righi e Vieira (2012) em pesquisa com mulheres do Rio Grande do Sul, sobre endividamento, os autores verificaram que as mulheres comprometeram mais suas rendas do que os homens e apontam que estas apresentam maiores propensões a incorrerem em comportamento compulsivo de compra, aumentando a propensão ao endividamento. Para Vieira, Flores e Campara (2014) e Vieira *et al*, (2019) as mulheres e os jovens são mais propensos ao endividamento. Para Mueller *et al*, (2011) em ambos os sexos a compra compulsiva está presente, mas as mulheres são mais propensas que os homens a comprar por impulso.

Os estudos com a variável gênero, tem indicado diferenças significativas de baixa magnitude, como no presente estudo, com frequência os resultados são mistos, alguns indicam que não existem diferenças entre homens e mulheres (AGNEW; HARRISON, 2015), no entanto outros apresentam melhores performances das mulheres (DENEGRÍ; SEPÚLVEDA, 2014 ).

É possível que o gênero seja bom preditor de melhores ou piores níveis de pensamento econômico, contudo destacamos a necessidade de futuras investigações com populações diversas, considerando a possibilidade de resultados mistos, influenciados por fatores sociais e culturais.

Quanto ao nível socioeconômico, os resultados demonstraram que estudantes de nível socioeconômico baixo tiveram piores níveis de pensamento econômico em todos os quatro subtemas do TAE, contudo somente o tema “planejamento e gestão financeira” apresentou diferença significativa  $p < 0,05$ . Esse resultado é corroborado pelos estudos de Amar *et al*. (2011), Coria e Aravena (2015), Martinez e Abello (2015) utilizando o TAE.

Estudo de Campara *et al*, (2016), sobre fenômenos econômicos, destaca forte diferença entre os níveis socioeconômicos. Estudos de Domínguez, (2015); Hastings, Madrian, e Skimmyhorn, (2013), constataram que crianças cujas famílias pertencem ao nível socioeconômico baixo apresentam níveis baixos de raciocínio econômico, resultados corroborados por Denegri- Coria, Concha-Salgado e Sepúlveda-Aravena (2019).

Martinez, Ramirez e Duarte (2020), realizaram estudos com 1.041 jovens universitários e constataram que aqueles de nível sócio econômico baixo tinham mais

dificuldade em lidar com o dinheiro e compreender os fenômenos econômicos subjacentes às relações de consumo.

Estudos internacionais desde 1998 (CHEN, VOLPE, 1998; MONTICONE, 2010; CALAMATO, 2010; LUSARDI, MITCHELL, 2011; ATKINSON, MESSY, 2012; SCHERESBERG, 2013; LUSARDI *et al*, 2014; AGARWALLA, *et al*, 2015) indicam que o NSE é um forte indicador de menores níveis de compreensão dos fenômenos econômicos.

Nessa investigação chamou atenção o tema “planejamento e gestão financeira”, esse tema apresentou diferença significativa quanto ao gênero, e quanto ao nível socioeconômico. Estudantes de NSE médio do sexo masculino tiveram melhor desempenho que os demais.

O planejamento e a gestão financeira são aspectos da vida das pessoas que podem influenciar fortemente a qualidade de vida (VEIGA *et al*, 2019), porque envolve decisões sobre compras, pagamentos, gestão dos recursos financeiros e pode ter consequências importantes sobre os indivíduos, seu grupo familiar e na própria sociedade. O cidadão que não reserva parte dos seus recursos para a aposentadoria, por exemplo, poderá gerar ônus financeiro para outros ou para o estado. Como destaca Veiga *et al*, (2019) a má gestão das finanças pessoais pode redundar no endividamento e na inadimplência, com fortes efeitos negativos e afetar as relações sociais, o estado psicológico e a vida familiar. O estresse financeiro vai implicar mais cedo ou mais tarde em estresse físico e psicológico.

Estudos de Miotto e Parente (2015) com consumidores da classe média baixa paulistana identificou comportamentos peculiares como pouca ou inexistente atenção ao planejamento de curto e médio prazo, ausência generalizada de poupança e influência de eventos críticos em episódios de inadimplência. O estudo realizado por esses autores mostrou ainda que ao planejar e gerir suas finanças as mulheres demonstraram maior autocontrole, para manter-se longe do endividamento e manter as finanças sob controle.

## Considerações finais

Os resultados encontrados quanto aos níveis de compreensão econômica de estudantes nesta investigação apresentam duas perspectivas: foi positivo no sentido que somente 0,5% dos estudantes estão no pensamento econômico primitivo, o nível I, cujo raciocínio acerca dos fenômenos econômicos é bastante reduzido, contudo mesmo um número pequeno, ainda é preocupante a presença desses sete adolescentes nesse nível.

A segunda perspectiva consiste em que 56,6% dos participantes alcançaram o nível III que corresponde ao pensamento econômico independente ou inferencial, isso é altamente positivo, contudo, 42,9% dos estudantes estão no nível II, ou seja, estes estudantes estão no limiar da idade adulta e ainda tem uma compreensão intermediária dos fenômenos econômicos que vão afetar diretamente a sua vida. Ainda não tem o domínio de habilidades para uma gestão eficiente do dinheiro, e falta-lhes uma visão sistêmica do modelo socioeconômico que regula a nossa sociedade. Existem lacunas na compreensão do mundo econômico e das variáveis que podem afetar diretamente sua vida, o que pode redundar em endividamento, interferindo em diversos aspectos psicológicos e culturais, potencializando problemas de ordem emocional.

Quanto ao gênero, os homens pontuaram melhor que as mulheres, no tema relacionado ao “planejamento e gestão financeira”. A idade também influenciou nos resultados, quanto maior a idade, maior a compreensão econômica dos participantes.

O nível socioeconômico foi o fator mais impactante nessa investigação, uma vez que as diferenças nos níveis de compreensão dos fenômenos econômicos estão relacionadas ao NSE, quanto maior o NSE, maior a compreensão econômica. Os estudantes com mais recursos econômicos tiveram, em média, melhores pontuações do que os mais vulneráveis pertencentes ao nível socioeconômico baixo. Esse resultado abre espaço para a ampliação da desigualdade social, e é possível que esses estudantes tenham sido privados de desenvolver habilidades que os ajudassem a gerenciar melhor seus escassos recursos econômicos, com busca de alternativas de consumo mais eficiente, outro aspecto a considerar pode ser a pouca alfabetização econômica dos pais, que pode traduzir-se numa transmissão intergeracional de padrões de consumo e uso pouco reflexivo do dinheiro. Tais resultados indicam a necessidade de ampliação dos estudos.

A escolaridade não promoveu nenhuma diferença significativa, cursar a 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> ou 3<sup>a</sup> séries do ensino médio não promoveu melhor compreensão dos fenômenos econômicos. Esse quadro tão complexo torna necessário analisar as transformações dos ambientes sociais, econômicos, culturais e educacionais.

Esses resultados encontrados nesta investigação acendem o alerta para a criação e elaboração de programas de educação econômica que levem em conta mecanismos que permitam aos jovens compreender em especial as implicações do planejamento financeiro em sua vida, que foi o tema com maiores diferenças nesse estudo. A falta de planejamento e pouca habilidade em gerenciar os recursos, pode promover o endividamento e afetar a



qualidade de vida desses grupos mais vulneráveis no aspecto psicológico, social e econômico.

A educação econômica poderá promover melhoria dos processos de tomada de decisão econômica à medida que as pessoas desenvolvem competências para resolver problemas de forma eficaz. Nesse processo educacional, a educação financeira formal e informal desempenha um papel relevante. Uma abordagem pedagógica que promova a reflexão, o pensamento crítico e o trabalho cooperativo é relevante para o desenvolvimento de atitudes e habilidades que permitam aos adolescentes o autocontrole de seus processos de consumo, uso e gestão do dinheiro, estratégias de planejamento, tomada de decisão e solução de problemas. É necessário lançar um olhar sobre os adolescentes e verificar se eles são protagonistas ou reprodutores daquilo que vivenciam e experimentam na sociedade de consumo.

Ao criar um ambiente educativo e confrontar os estudantes com o reconhecimento de seu ambiente econômico e social, estes poderão construir um julgamento crítico em torno de sua própria atuação no mundo do consumo, estimularia o desenvolvimento de um pensamento social que constitui a base da educação para a cidadania e envolveria o conceito de responsabilidade que é tão necessário para assegurar a governabilidade em sistemas democráticos.

Esse estudo é válido ao identificar os níveis de compreensão econômica de uma população específica como os estudantes do ensino médio, com características peculiares de desenvolvimento e que sofrem forte pressão de mercado mediante a pouca educação econômica e financeira de que dispõem, e abre perspectivas de estudos futuros. O gênero e o nível socioeconômico, a socialização econômica das famílias, devem ser considerados em investigações com o público adolescente e a proposição de programas de educação econômica e financeira nos currículos educacionais. Fechamos o artigo argumentando em favor de iniciativas que visem uma educação quanto ao consumo, sustentada em um compromisso ético-político.

## Referências

AGNEW, S. HARRISON, N. Alfabetização financeira e atitudes dos alunos em relação ao endividamento: um estudo transnacional examinando a influência do gênero

nos conceitos de finanças pessoais. **Journal of Retailing and Consumer Services**, 2015, vol. 25, edição C, 122-129.

AMAR, J. A. *et al.* Estratégias y prácticas socializadoras y de alfabetización económica en familias de una ciudad multifinanciera de la región Caribe colombiana. **Psicología desde el Caribe**, 16: 29-63. 2011.

ARAÚJO, R. M. B. **Alfabetização econômica**: Compromisso social na educação das crianças. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo. 2009.

AGARWALLA, S.K. *et al.* Financial Literacy among Working Young in Urban India. **World Development**, 67, 101-109. 2015.

AVELINO, M.R.; SILVA, A.S.; LEAL, S. R. Deixe seu like! O engajamento nas publicações com digital influencers no Instagram das DMOs brasileiras. **RBTUR**, São Paulo, 14 (3), p. 50-67, set./dez. 2020.

ATKINSON, A.; MESSY, F.A. Measuring financial literacy: results of the OECD INFE pilot study. Papers on Finance, Insurance and Private Pensions - OECD **Publishing**, 15, 01-73. 2012.

ASHRAF, M; KHAN, K. M. Adolescents' role in family decision-making for services in India. **Young Consumers**, 17(4), 388-403. 2016.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo** (2ª ed.). Lisboa: Edições 70. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008;

BESSA, S.; FERMIANO, M. B.; DENEGRÍ, M. C. Compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 410-419, 2014.

BELINTANE, M. F; CANTELLI, V. B. **Educação para o consumo consciente**. Campinas: Adonis, 2019.

BUCHER-KOENEN, T.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R.; VAN ROOJI, M. How financially literate are women? An overview and new insights. GFLEC – Global Financial Literacy Excellence Center, [NBER Working Paper n. 20793] 2014.

BUSTOS, S.B; CORIA, M. D.; VALENZUELA, P. S. Consumo, actitudes hacia el endeudamiento, materialismo e influencia de pares en adolescentes rurales del sur de Chile. **Interdisciplinaria**, 36, 1, 203-219, 2019.

CALAMATO, M.P. Learning Financial Literacy in the Family. Unpublished master's thesis. The Faculty of the Department of Sociology, San José State University. 2010.

CAMPARA, J. P. *et al*, Programa Bolsa Família X Alfabetização Financeira: em busca de um modelo para mulheres de baixa renda. **Espacios**. Vol. 37 (Nº 07) p. 2. Año 2016.

CARVALHO, R.A. **Comportamento econômico de crianças e adolescentes**: um estudo com alunos do ensino fundamental II. 2016. 295f (Dissertação de mestrado) Fundação Cultural Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo-RS, 2016.

CHEN, H.; VOLPE, R.P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, 7(2),107-128. 1998.

COHEN, J. Statistical power analysis for the behavioral sciences (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 1988.

COHEN, J. A power primer. **Psychological Bulletin**, 112, 155–159. 1992.

CORIA, M. D; ARAVENA, J. K. S. Evaluación de un programa de educación económica, «yo y la economía», en escolares chilenos de educación general básica. **LIBERABIT**: Lima (Perú) 20(1): 175-186, 2014.

CERETTA, S. B.; FROEMMING, L. M. Geração z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente. Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Administração da Universidade Potiguar (**RAUnP**). Ano III, n. 2 - abr./set. 2011.

DENEGRI, M. El desarrollo de las ideas acerca de la emisión monetaria en niños y adolescentes: estudio exploratorio. **Revista del Instituto de Ciencias de la Educación**, 9, 47-62. 1995.

DENEGRI, M. *et al*. La construcción de representaciones sociales acerca de la pobreza y desigualdad social em la infância y adolescência. Revista **Psike** v. 7, n. 2, p. 13-24, 1998.

DENEGRI, M. *et al.* **Construcción del test de alfabetización económica para niños (TAE-N) para escolares entre 10 y 14 años** (Tesis para Grado Académico de Licenciado em Psicología). UFRO, Temuco, Chile. 2004.

DENEGRI-CORIA, Marianela; CONCHA-SALGADO, Andrés; SEPULVEDA-ARAVENA, Jocelyne. Adaptação e Validação do Teste de Alfabetização Econômica e Financeira para estudantes secundários chilenos. **rev.latinoam.psicol.**, Bogotá, v. 51, n. 2, pág. 196-205, agosto de 2019.

Domínguez, J. El Informe PISA y la educación financiera: la primera hornada. **Extoikos**, 17 43-45. 2015.

FERRUZZI, G. A. **As representações sociais sobre o consumo infantil de mães e crianças de Alvares Machado e suas relações com a propaganda televisiva.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Educação, Presidente Prudente, 2017.

GEMP, R; DENEGRI M. CAPRILE, C. Medición de la Alfabetización Económica em Niños: Oportunidades diagnósticas com el modelo de crédito parcial. **PSYKHE**, vol. 15, n.01, p.13-27. 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HASTINGS, B. C. J.; MADRIAN, B.C; SKIMMYHORN, L. W. Financial Literacy, Financial Education and Economic Outcomes. **Revisão Anual de Economia**, Revisões Anuais, vol. 5(1), páginas 347-373, 2013.

HENNIGEN, I.; WALTER, B.E.P; PAIM, G.M. Consumo, Dinheiro e Diferenciações Sociais: Ditos de Jovens em uma Pesquisa-Intervenção. **Psicologia: Ciência e Profissão** Jul/Set. 2017 v. 37 n°3, 711-724.

HOFFMANN, A. INFÂNCIAS, CULTURA VISUAL E CONSUMO: REFLEXÕES DE PESQUISAS. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 41, n. 113, p.56-64, Jan. - Abr., 2021.

LINS, S. L. B.; POESCHL, G, O que os adolescentes brasileiros e portugueses pensam quando pensam em comprar? **Teoria e Pesquisa** Jan-Mar, Vol. 32 n. 1, pp. 71-79. 2016.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O.S. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics and Finance**, 10(4), 509-525. 2011.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. **Journal of Economic Literature**, 52(1), 5-44. 2014.

MALDONADO, J. S. *et al.* Características empreendedoras personales y alfabetización económica: Una comparación entre estudiantes universitarios del sur de Chile. **Interdisciplinaria** vol.34 no.1 Ciudad Autónoma de Buenos Aires jun. 2017.

MAHDAVI, M.; HORTON, N.J. Financial Knowledge among Educated Women: Room for Improvement. **The Journal of Consumer Affairs**, 48(2), 403-417. 2014.

MARTINEZ, M. L.; ABELLO, R. Incidencia de las estrategias de alfabetización económica de los padres em el ámbito familiar sobre el desarrollo del pensamiento económico de los hijos. **Univ. Psychol.** Bogotá, Colombia V. 14 No. 1 PP. 177-188 ene-mar 2015.

MARTINEZ, L; RAMIREZ, E; DUARTE, H. Realidades y percepciones económicas de estudiantes universitarios como antecedentes de movilidad social en Colombia. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e219049, 2020.

MENDEZ, F.Q.; DENEGRI-CORIA, M. **Actitudes hacia el endeudamiento hedónico en estudiantes secundarios chilenos.** Suma Psicológica 28(2) (2021), 79-87.

MULLER, A., *et al.* A compra compulsiva difere entre estudantes do sexo masculino e feminino? Personalidade e diferenças individuais, 50(8), 13091312. 2011.

MIOTTO, A. P. S; PARENTE, J. Antecedentes e consequências do gerenciamento das finanças domésticas na classe média baixa brasileira. **ERA- Revista de Administração de Empresas**, 55(1), 50-64. 2015.

MONTICONE, C. How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy? **The Journal of Consumer Affairs**, 44(2), 403-422. 2010.

MOURA, T.B.; VIANA, F. T; LOYOLA, V. D. Uma Análise de Concepções Sobre a Criança e a Inserção da Infância no Consumismo. **Psicologia: ciência e profissão**, 33 (2), 474-489. 2013.

OLMO, A. Vergonha de si: violência invisível da publicidade infantil. In: FONTENELLE, L. (Org) **Criança e consumo: 10 anos de transformação.** São Paulo: Instituto Alana, 2016.

PEREIRA, D. R. **Consumismo e educação infantil**: um estudo sobre crenças e hábitos de docentes e alunos. 2018. 330f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Marília, Marília-SP. 2018.

SANDOVAL-ESCOBAR, M; PINEDA-MARÍN, C. A; ÁVILA-CAMPOS, J. **Barreras para la socialización económica de las familias y estrategias empleadas para la educación económica y del consumo en los niños**. Montevideo, Uruguay: Univeresidad de la República, 2018.

SCHERESBERG, C.B. Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. **Numeracy**, 6(2), art. 5. 2013.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TRINDADE, L. L.; RIGHI, M. B.; VIEIRA, K. M. De onde vem o endividamento feminino? construção e validação de um modelo PLS-PM. **REAd | Porto Alegre** – Edição 73 - Nº 3 – set/dez 2012 – p. 718-746.

VEIGA, R.T. *et al.* Validação de Escalas para Investigar a Gestão Financeira Pessoal. **Rev. Bras. Gest. Neg.** São Paulo v.21 n.2 abr-jun. 2019.

VIEIRA, K.M; FLORES, S.A.M; CAMPARA, J.P. Propensão ao Endividamento no Município de Santa Maria (RS): verificando diferenças em variáveis demográficas e culturais. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, pág. 180-205, 2014.

ZATTI, B. *et al.* Consumo infantil: o processo de decisão de compra dos pais. **Revista eletrônica científica da UERGS**. v. 4 n. 5. 2018.

**Revisores de línguas e ABNT/APA: Sônia Bessa da Costa Nicacio Silva**

**Submetido em 17/02/2022**

**Aprovado em 26/10/2022**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)